

Representações sociais da alimentação por funcionários de uma unidade de alimentação e nutrição em uma indústria da Bahia

Emerson Ornelas Palmeira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

**Representações sociais da alimentação por
funcionários de uma unidade de alimentação
e nutrição em uma indústria da Bahia**

Emerson Ornelas Palmeira

Introdução

Este estudo reapresenta o distanciamento entre o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) e as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), no que diz respeito à promoção da saúde do trabalhador¹. A legislação posterior à criação do SUS, as instâncias governamentais criadas para coordenar as ações de saúde do trabalhador e suas atribuições, e as deliberações das Conferências Nacionais de Saúde do Trabalhador deixam claro que ainda há uma separação entre as áreas de saber da alimentação e da saúde. Assim não há um entendimento de que esses campos envolvem aspectos da vida intimamente relacionados e integrados entre si. Trata-se da alimentação como direito fundamental e um aspecto importante para a produtividade e o acúmulo de capital. As questões da saúde do trabalhador não envolvem a alimentação e a nutrição. Não envolvem o PAT. São focalizados apenas as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho. As patologias alimentares e correlatas que acometem os trabalhadores, de modo geral não fazem parte da lista de doenças relacionadas ao trabalho².

A indústria é o setor em que mais desenvolve a estratégia dos Serviços de Alimentação e Nutrição (SAN's), tendo em vista que, muitas vezes, esses locais de trabalho ficam em regiões distantes dos centros urbanos, dificultando a realização da alimentação em outros locais que não a própria indústria. Portanto, configura-se como um espaço privilegiado em que o PAT executa suas ações, embora nem sempre promovendo a saúde.

Em estudo recente, Veloso (2005) pesquisou o estado nutricional de mais de 10 mil trabalhadores da indústria, identificando como resultados: pré-obesidade em 30%; obesidade em 4,7%; colesterol total elevado em 29,7%; e triglicérides elevadas em 8,2%. Esses dados mostram que uma parcela da população poderia estar sendo beneficiada por um serviço de saúde vinculado a uma política pública. Entretanto, em direção oposta, os dados demonstram indicadores negativos relacionados ao estado nutricional e à saúde. Nessa perspectiva, identificou o PAT como promotor de patologias nutricionais e correlatas.

Uma possível explicação para tal fato está no processo de terceirização. Segundo Druck (2001), foi na indústria onde se observou intensamente a precarização do trabalho por meio do processo de

terceirização. Isso se reflete nos trabalhadores da indústria através pela deterioração da saúde. Os serviços de alimentação representam uma face desse processo e são oferecidos essencialmente a empresas terceirizadas. Com a precarização do trabalho e dos serviços em geral há também a precarização da saúde do trabalhador. Isso ocorre mais intensamente quando o serviço terceirizado é a alimentação, que certamente produz impactos na saúde e na qualidade de vida do trabalhador que utiliza esse serviço, diariamente.

No Pólo Petroquímico de Camaçari (PPC), pode ser observado o resultado desse processo (DRUCK, 2001). O pólo é um conglomerado de indústrias que atualmente extrapola o ramo petroquímico e possui também indústrias metalúrgicas e de plástico. O PPC apresenta certa modelagem ou padronização dos serviços de alimentação, cujo mercado é controlado por empresas que não diferenciam as suas atividades e freqüentemente se alternam na obtenção dos contratos, sem mudarem de maneira significativa a qualidade dos serviços prestados.

Nos cursos de graduação em Nutrição, assim como na lei que regulamenta a profissão do nutricionista, identifica-se a área de Administração de Serviços de Alimentação (ASA) como a que comporta os Serviços de Alimentação e Nutrição (SAN's) (Estados Unidos), constituindo parte operacional do Programa de Alimentação do Trabalhador. Entretanto, na formação desse profissional persiste o debate conceitual sobre a relação entre ASA/PAT e as práticas de saúde de maneira geral.

Sobre a formação profissional do nutricionista, Bosi (1996) identificou que muitos, na área de ASA, não se consideram profissionais de saúde. Nos últimos anos, estudantes do curso de graduação em Nutrição têm feito este tipo de questionamento em seus encontros nacionais e regionais, pois não há um entendimento na própria categoria profissional sobre as atividades desenvolvidas em uma Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN), como ações promotoras de saúde. Uma tentativa de reverter essa percepção vem do Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) com a resolução que trata da obrigatoriedade que tem o profissional de desenvolver atividades típicas em saúde e não se distanciar com as questões meramente tecnocráticas dos serviços (BRASIL. Conselho Federal de Nutricionistas, 2006).

Constata-se também uma lacuna na formação do curso de Nutrição, pela ausência de análises que façam relação entre doenças nutricionais *versus* saúde ocupacional. Há um vazio de conteúdos sobre aspectos socioculturais e a relação à prática de trabalho do nutricionista, a qual pode ser associada à complexidade dos valores que envolvem: o “fazer a comida” e o “comer” com o objetivo de promover a saúde. De fato, há poucos estudos sobre os problemas nutricionais adquiridos no processo de trabalho e as alternativas possíveis para mudança do grave quadro encontrado. Ao constatar a indefinição conceitual, ou até mesmo ontológica do trabalho do nutricionista em ASA, admite-se emergir uma possível explicação para o fato de os trabalhadores estarem desenvolvendo patologias nutricionais, como obesidade e dislipidemias ou correlatas, como hipertensão e diabetes (COSTA, 2000; VELOSO, 2005; VIANA, 2002). Esses estudos mostram que os resultados da alimentação do trabalhador não são positivos para a saúde e isso pode estar relacionado com a percepção de que os serviços de alimentação, em geral, não apresentam vínculos com a saúde do trabalhador, desde a fase de planejamento até a sua avaliação.

Conforme exigência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (BRASIL. Ministério da Saúde, 1993) são elaborados Manuais de Boas Práticas de Fabricação (MBPF) e desenvolvidas estratégias de controle higiênico-sanitário, como a Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC). Ainda assim percebe-se que essas ações não ultrapassam o processo de produção das refeições e não atingem o comensal e o seu ato alimentar. Nesse sentido, essas unidades não demonstram objetivar a saúde do consumidor, a alimentação saudável para o trabalhador, entendendo-se que a alimentação envolve mais do que o ato de produzir a comida e é fundamental e intrínseco o ato de comer a comida.

Em última instância, o consumo provoca resultados na saúde do trabalhador e são as ações de educação nutricional que podem interferir nas práticas alimentares. O trabalho do nutricionista na UAN, sendo essencialmente administrativo, não tem comprometimento em estabelecer relações entre alimentação e saúde e provavelmente não acontecerão ações educativas necessárias³.

Em administração é reconhecida a importância da relação entre os objetivos de uma determinada instituição, o conhecimento de seus

objetivos por parte dos integrantes da equipe e a prática decorrente desse conhecimento. Atingir os objetivos exige, portanto, observar a complexidade que envolve cada ação e as idéias que a envolvem. Portanto, é importante que a equipe de trabalho em uma UAN saiba deste objetivo e compartilhe da idéia de alcançá-lo. Segundo Germano (2003), que estudou o treinamento de manipuladores de alimentos, os profissionais que atuam na área de alimentos, em geral, não tiveram em sua formação um contato maior com disciplinas de educação ou pedagogia, sendo este um importante aspecto que dificulta o desenvolvimento e a execução de atividades educativas em uma UAN.

Vale salientar a importância da capacitação dos funcionários para um entendimento do processo saúde-doença e, em particular, das enfermidades associadas à nutrição. O cuidado com a alimentação é um fenômeno da racionalidade. As práticas alimentares são significativas para interpretar um grupo social e não se trata apenas de comer, mas de escolhas, preferências de certos alimentos. Ao considerar esses aspectos, também, os hábitos alimentares são objetos do sistema de referência, dos valores agregados, como o gosto conhecido e o campo afetivo. O paladar reconhecido pode, então, ser re-significado como uma comida que identifica o sujeito e sua origem, assim como o modo de fazer a comida resgata tradições que extrapolam o ambiente fabril e suas normas.

Marcel Mauss (apud OLIVEIRA, 1984) ao se referir aos símbolos sociais de uma determinada cultura nos diz que “[...] basta ver uma criança à mesa para saber sua nacionalidade”. Em cada sociedade há um *habitus* próprio e que decorre da cultura, sendo importante entender como ela atinge o indivíduo e o seu grupo social⁴.

Qual então a cultura que influencia o processo de “fazer comida” e “o comer” de uma UAN? Atualmente, se utiliza com certa freqüência o termo “cultura organizacional”. Mesmo sem entrar nas questões administrativas, é necessário perceber a importância de identificar a cultura que norteia o *modus operandi* da equipe de uma UAN para permitir ao nutricionista desenvolver as suas funções de uma maneira mais coerente com a sua realidade de trabalho e possibilitar a promoção da saúde, a partir do entendimento do próprio nutricionista sobre o seu “fazer nutrição”.

Nesta discussão, contribui-se com a obtenção de significados da alimentação e do trabalho com o alimento, através das representações

sociais, como uma compreensão mínima para direcionar e organizar a prática profissional dos funcionários de uma UAN.

Uma representação social é uma construção mental da realidade que possibilita a compreensão e a organização do mundo cotidiano, bem como a orientação de práticas e condutas. Constitui-se assim em uma forma de conhecimento do senso comum, elaborado e compartilhado socialmente, sobre as representações sociais, estas que falam do corpo no palco social em que as pessoas representam seus papéis em seus mundos. Trata-se, pois, de expressar a realidade de um grupo social determinado, e ao mesmo tempo, questioná-lo, explicá-lo, justificá-lo⁵

Uma representação, neste estudo, configura-se como a percepção do indivíduo, um produto das interpretações, cujos valores não estão somente na representação social, mas também na sua relação com o objeto que o indivíduo representa para explicar e compreender seu trabalho como um agente de saúde ou não. As interpretações em torno das noções sobre o seu trabalho, saúde e alimentação saudável devem estar em sua mente (cognição) e em seus discursos (elaboração) e podem ser analisadas, por conseguinte, podendo ser utilizadas no desenvolvimento de uma política de alimentação saudável na referida UAN.

A representação de um objeto é um fenômeno psicológico e nesse aspecto podemos sugerir que implica uma subjetividade notoriamente individual; todavia ela se constrói socialmente, dentro do âmbito das relações de comunicação, o que denota a idéia de uma construção subjetiva dialética em constante conflito entre mundo interno e mundo externo (MOSCOVICI, 1981).

Uma representação social é a forma como vários sujeitos significam e se orientam em relação a um dado objeto. A representação é construída pelos sujeitos e o objeto passa a ser não o objeto em si, mas a representação que o grupo faz dele dentro de um determinado período histórico. Mary Jane Spink (1993) traz uma definição clássica de Jodelet para o termo representações sociais. Estas são como “modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos”⁶.

Se a representação parte das comunicações interpessoais, se é significativa para um grupo de sujeitos e é socialmente compartilhada, torna-se social, coletiva, em dois aspectos: na sua estruturação e no seu

caráter compartilhado, fato que promove sua manutenção. A Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Serge Moscovici (1981), tem contribuído para os pesquisadores que procuram compreender os significados criados por determinados grupos para explicar e estabelecer suas ações em seus mundos cotidianos.

Para entender essa teoria, deve-se, em princípio, perceber que a construção da malha de significados de uma população está diretamente ligada ao contexto e ao momento histórico em que ela aparece. Sobre isto, Anadón e Machado (2003) dizem: “Com efeito, a construção de um objeto só é possível dentro de um quadro social dado, constituído de uma herança social comum”. Desse modo, há inúmeras variantes ou fatores sociais que levam o sujeito a construir significados: desde a sua inserção social (posição que ocupa no grupo), como também o contexto ideológico desse grupo, a linguagem utilizada, as formas de comunicação, os modelos sociais e os valores implícitos da cultura que o circunda e cria uma “herança comum”.

As representações sociais podem ser pesquisadas através de discursos, comportamentos, práticas e documentos. No entanto, sempre que possível, é preciso ressaltar a importância de conceber esses aspectos conjugados, visto que as representações sociais são promotoras de formas de pensar e “estar no mundo” e levam o sujeito a práticas e discursos apoiados nessa significação. Segundo Abric citado por Sá (2002), as representações sociais pré-estabelecem o comportamento e este nos mostra as múltiplas funções das representações: a função de orientação de “um tipo de estratégia cognitiva adotada pelo grupo, bem como a maneira como este se estrutura e se comunica independente da realidade ‘objetiva’ da tarefa”; a função de saber, que permite ao indivíduo, ou grupo, compreender e explicar a realidade, sendo esta a “condição necessária para a existência da comunicação social”. A função de identificação, que caracteriza e protege as especificidades do grupo e a função de justificar as ações e comportamentos dele através da representação.

A teoria desenvolvida no seio da psicologia social discute a sociedade, o contexto histórico, a manutenção e adaptação de representações sociais. Ademais da importância de certas características individuais concernentes à subjetividade, a construção simbólica da realidade e a orientação das práticas e comportamentos no mundo existem

a partir da interação sujeito e sociedade. Assim, fica estabelecido um duplo papel das representações sociais para o indivíduo: o estruturante, quando observado o seu processo de formação; e estruturado, quando o foco se dá no seu conteúdo. Ganha importância, então, o estudo das comunicações interpessoais, da análise de discurso e das formas de linguagem.

Nesse aspecto, Moscovici (1981) propõe importante discussão sobre o universo reificado da ciência como detentora da razão e capaz de fazer uma criação do mundo imposta ao indivíduo e aos grupos. Nesse aspecto, entende-se a racionalidade como proposta da prática científica. O mundo reificado é, por definição, um mundo desumanizado. É sentido pelo homem como uma facticidade em vez de ser sentido como o *opus proprium* de sua atividade produtora. E o mundo da ciência se propõe ser a racionalização do mundo real. Logo, quando se estabelece um mundo social objetivo, a possibilidade de reificação nunca será afastada. A objetividade do mundo social significa que este considera o ser humano, como algo situado fora dele. É possível dizer que a reificação constitui o grau extremo do processo de objetivação pelo qual o mundo objetivado perde a inteligibilidade que possui como empreendimento humano e se fixa como factibilidade não humana, não humanizável, inerte.

A teoria de Moscovici questiona este proceder científico. Um aspecto importante da TRS é o tratamento dado à construção do conhecimento inserido na dimensão informal do senso comum. Para tanto é proposta a superação do discurso normativo da ciência positivista, atribuindo ao senso-comum, à experiência do cotidiano, da cultura, da não-ciência, um papel de relevância para as transformações sociais. São alvo de investigação do pesquisador das representações sociais os pontos de encontro e de distanciamento entre a realidade observada e a norma científica a ela relacionada.

Entende-se que a ciência tem um papel cada vez maior na formação das idéias gerais e na orientação das práticas cotidianas e isso deve ser levado em consideração no processo investigativo. Porém, aspectos religiosos, culturais e de outra natureza, não devem ser encarados como algo de menor valor. Desse modo, o estudo das representações sociais tem afinidade com o processo de comunicação social. É nesse palco dinâmico onde se encontra o sujeito, ora comunicante, ora comunicado,

mas implicado numa intensa troca de informações que caracteriza o seu cotidiano.

Aqui lembramos a importância da coerção social, identificada por Durkheim e Paulo Freire (em *Pedagogia do oprimido*) – para entender algumas interferências nesse processo – bem como, por Wittgenstein e suas contribuições para o estudo da linguagem. Também, a contribuição de Geertz ao se referir a descrição densa do cotidiano. A TRS se aproxima do fenômeno, entendendo-o como parte de um sistema coerente de signos e isso atribui racionalidade às representações, uma racionalidade emanada da cultura do cotidiano, como obra principal dos grupos humanos.

Geertz (1989) acredita que o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, concebendo a cultura como sendo essas teias e sua análise. O autor propõe que o investigador descreva o outro e as representações sociais podem fazer parte de tal descrição, correndo riscos inerentes a esse empreendimento. Estudar as representações sociais através de uma descrição densa da realidade exige um aprofundamento da compreensão dos fatos observados por meio de uma hierarquização estratificada das estruturas significantes identificadas. A análise passa, portanto, pela escolha entre as estruturas de significação e determina sua base social, sua importância. Novamente se estabelece aqui a relação intrínseca entre o sujeito e o grupo ao qual ele pertence e a consideração do pano de fundo social que envolve o indivíduo ou grupo e suas práticas, ou o seu cotidiano.

Na construção sobre as representações sociais das práticas de alimentação e saúde estão presentes os conteúdos sobre os objetos (noções e conceitos sobre saúde, alimentação saudável e trabalho na UAN), os sujeitos (funcionários da UAN) e as suas práticas profissionais que compõem o processo de observação deste estudo.

Freitas (2003) crê que a investigação qualitativa pode contribuir com um novo olhar sobre as práticas de nutrição e saúde, algo pretendido por este trabalho. Atingir esse objetivo depende de uma articulação entre vários saberes em torno do tema.

O problema que o nutricionista enfrenta no serviço de uma UAN está circunscrito ao espaço sociocultural da cozinha, no qual agentes sociais de diferentes estruturas, porém com a mesma capacidade ou potencial de produzir cultura, reúnem-se na complexidade dos saberes e práticas

do preparo da comida para o outro. As qualidades simbólicas dos alimentos emergem no interior de sistemas de classificação que lhe dão sentido e que são próprias a cada cultura. Estas representações definem a ordem do que é comestível, mas também a essência da própria atividade do preparar o comer, tanto em relação à comida quanto ao comedor, conectando, nesse processo, o natural ao cultural.

Segundo Poulin (2004), encontra-se na cozinha um conjunto de sistemas simbólicos e de rituais que se articulam sobre as ações técnicas, participam da construção da identidade alimentar de um produto natural e o tornam comestível. Define ainda que no sistema alimentar, atores sociais mobilizam conhecimentos tecnológicos, mas também representações para construir sua decisão e fazer avançar os alimentos na direção do consumidor.

Assim, define-se como escopo deste estudo as representações sociais relacionadas ao processo produzir-servir-comida em uma UAN, levando-se em conta três aspectos principais: as orientações dadas pelas Ciências da Nutrição e da Saúde, simbolizadas neste espaço pelo profissional nutricionista; a gravidade dos quadros diagnósticos identificados na saúde dos trabalhadores-comensais e sua relação com o alto índice de causa de mortalidade pelas doenças crônico-degenerativas; e a inserção da UAN estudada no Programa de Alimentação do Trabalhador (política social que envolve a renúncia fiscal da ordem de R\$ 500 milhões/ano).

Dada a complexidade que marca o entendimento dos termos referidos e o desenvolvimento do trabalho do nutricionista em uma UAN, este estudo tenta contribuir para o redirecionamento de representações e práticas de alimentação voltadas à promoção da saúde do trabalhador. Para tanto, se fez necessário compreender as representações sociais que envolvem o trabalho em uma UAN e suas relações com a saúde e a alimentação saudável.

Material e método

Este trabalho foi desenvolvido em uma indústria metalúrgica, localizada no município de Dias D'Ávila (BA), em que se localiza uma

Unidade de Alimentação e Nutrição, cujo serviço de fornecimento de refeições está vinculado ao Programa de Alimentação do Trabalhador. A modalidade de vínculo escolhida pela indústria foi a terceirização do serviço de produção de refeições, distribuídas no próprio local de trabalho.

A definição do objeto de estudo deste trabalho se divide em três termos que complementam a seguinte idéia: o trabalho no refeitório pode promover saúde através da alimentação saudável.

Assim foram escolhidos os seguintes objetos conceituais específicos sobre os quais seriam investigadas as representações sociais dos funcionários da UAN: **trabalho no refeitório, saúde e alimentação saudável.**

Para compreender as representações sociais expressas pelos funcionários do serviço de alimentação na indústria, especificamente sobre o trabalho no refeitório, saúde e alimentação saudável, foi realizado o método descrito a seguir.

No contexto selecionado, especificamente na UAN, o estudo foi apresentado em reunião com representantes da indústria metalúrgica e chefia do serviço de alimentação. Após o contato individual com os trabalhadores da UAN, foi solicitado o termo de consentimento livre e esclarecido. Aceitaram em participar do estudo 48 funcionários de um total de 50.

Foram aplicados questionários aos funcionários para caracterização geral da equipe de trabalho, com os seguintes itens; sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, função, tempo de trabalho, participação em cursos/treinamentos/capacitações e identificação do objetivo do serviço desenvolvido pela UAN. As frequências médias referentes aos dados foram analisadas.

Ao longo do processo de pesquisa foi realizada a observação participante em busca da familiarização com o cotidiano dos funcionários. Esse processo se deu através do contato direto do pesquisador com os funcionários, contando inclusive com a realização de algumas tarefas do serviço.

Em seguida, foram realizadas as etapas metodológicas previstas pela abordagem estrutural da teoria das representações sociais, na Teoria do Núcleo Central, com a aplicação do Teste de Evocação Livre de

Palavras (ELP) com os seguintes termos indutores: trabalho no refeitório; saúde; alimentação saudável.

O teste consiste em solicitar ao informante a citação das cinco primeiras palavras que ocorrerem em sua mente a partir da leitura do Termo Indutor. Após a coleta dos dados, foi utilizado o programa Esemble de Programmes Permettant L'EVOC, desenvolvido especificamente para pesquisas sobre representações sociais para identificação do núcleo central e dos elementos periféricos de cada representação. O programa relaciona a frequência das palavras evocadas e a sua ordem de evocação entre a 1ª e a 5ª localizando-as em um quadro de quatro quadrantes. No quadrante superior esquerdo encontram-se as palavras com maior frequência. Neste quadrante, encontra-se o núcleo central da representação. No quadrante superior direito e no inferior esquerdo, estão os elementos periféricos fortes, mais associados à representação. No inferior direito, encontram-se os elementos periféricos cujas ligações com a representação do grupo são mais fracas, muitas vezes apresentando especificidades dos indivíduos pertencentes ao grupo.

Durante o contato do pesquisador com os informantes, nas etapas anteriores, foram selecionados 11 funcionários, de acordo com os seguintes critérios: colaboração, função exercida no serviço e turno de trabalho. Após a seleção, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de entender a complexidade das representações e o seu processo de formação.

Das 11 entrevistas realizadas 10 foram gravadas. Das que foram gravadas, 8 foram transcritas e tiveram seus conteúdos analisados, relacionando as informações obtidas aos objetos investigados.

Resultados e discussão

De todos os funcionários do serviço, apenas 2 se recusaram a participar da pesquisa, o que resulta em um total de 48 participantes. É uma equipe de trabalho constituída por maioria de homens, embora a idéia predominante associe a figura da mulher com o este tipo de trabalho. Há também o predomínio de funcionários solteiros, sendo que muitos são jovens, fato que pode configurar maior propensão a aceitar as condições de trabalho estabelecidas.

Um percentual importante de funcionários tem menos de um ano no desempenho da função nesta UAN, o que pode indicar falta de experiência, de conhecimento e necessidade de orientações específicas para o melhor desempenho das tarefas. Porém, muitos deles relatam nunca terem participado de cursos, treinamento ou capacitação específica para o desenvolvimento das suas tarefas. Sobre a satisfação pessoal com a função, a maioria diz estar satisfeita com a sua função, assim como refere estar satisfeita por trabalhar em uma UAN. Fica ressaltado que não se trata de uma satisfação com as condições de trabalho atuais e sim com o que fazem.

Teste de evocação livre de palavras / núcleos centrais das representações

A partir das evocações coletadas foram analisados, pelo programa EVOC, os dados referentes ao núcleo central das representações. Foram consideradas evocações com frequência mínima de 5, intermediária de 10 e a ordem média das evocações 2,9, como parâmetros de significância. Assim, foram gerados quadrantes para cada termo indutor, com os núcleos centrais identificados conforme demonstração abaixo sobre, trabalho, saúde e alimentação saudável. As palavras e sentenças destacadas são representações expressas ou associações importantes a respeito dos objetos investigados.

Trabalho no refeitório

Refeitório é o lugar do trabalho, mesmo que a função do sujeito esteja na cozinha ou fora dela, dentro do próprio refeitório. É o lugar indicativo de uma tarefa que se esgota, uma finalidade. Toda a função está no servir e por isto, o **refeitório** representa o tempo, a finitude do principal trabalho da Unidade: a comida pronta e servida. Mas não significa que, fazendo isso, o trabalho foi feito, concluído. Logo após servir, inicia-se a produção da próxima refeição. O serviço não pára. As equipes se revezam, em dois turnos, e no outro dia se repete. Para esta tarefa de preparar e servir, aparecem enunciações que dizem respeito a

sentidos de discriminação e desvalorização, pois mesmo cumprindo-a num tempo exíguo, eles se sentem sem valor algum, pois ninguém valoriza o trabalho. E ainda dizem: discriminam porque a gente ganha pouco.

O sentimento de classe e da atividade de cozinha aparece no campo representacional como uma espécie de castigo social. Há uma separação entre o valor que as pessoas (comensais) dão à comida feita e servida e o valor dado a quem faz a comida. Alguém disse: *São tratados como escravos*. Muitos funcionários querem sair desta unidade. Embora a desvalorização seja característica da área de alimentação coletiva, caso em que os próprios nutricionistas reclamam de não serem bem recompensados, embora tenham melhor salário, nesta unidade a condição torna-se mais grave pelo não pagamento dos 30% da periculosidade e pela forma de gestão: *ninguém está satisfeito com essa empresa (contratada). Aqui não é bom para trabalhar, é um lugar ruim. Não é pago o percentual referente à periculosidade*.

Conforme observação, muitas vezes eles não descansam após o almoço. E quando descansam, *deitam e dormem sobre papelões no chão do banheiro*, exaustos, com a mesma roupa que novamente usarão no serviço após o descanso. Muitos percebem que o problema é estrutural, está na forma do contrato, no modo de gestão, da relação entre empresas e do objetivo maior em atingir lucros controlando custos.

Dessa maneira, pode-se compreender a situação de insegurança e instabilidade entre os funcionários e o seu processo de trabalho. Pois, sentem-se não observados e não notados nem pela chefia e nem pelos comensais. O cenário lembra Chaplin em *Tempos Modernos*. Sentem-se como máquinas de fazer comida em série, como em um modelo fordista de administração. E sobre isto podem se perguntar uns aos outros: Como ter saúde? Como preparar a alimentação saudável se não somos saudáveis?

A necessidade do trabalho faz relação com a responsabilidade que sentem em produzir. O emprego aparece como necessidade e assume-se responsabilidade como uma instância no campo da obrigação. Consideram que o plano de saúde é necessário para a família e a possibilidade de perder este plano gera medo.

Os aspectos técnicos e operacionais de gestão são expressos como sobrecargas de trabalho em que se dá ênfase ao termo punição. Tudo gira em torno das relações sociais e interpessoais, pois se sentem punidos ou castigados, não pelo destino, mas objetivamente pelo tipo de trabalho

cujos produtos não valorizam o ser humano que os produziu. *A gente não pode abrir a boca e falar. As decisões são tomadas e devemos cumprir as ordens impostas.* Não há espaço para diálogo. Não se sentem animados com a perspectiva de progressão funcional, porque temem a responsabilidade isto implica que pode significar obrigação. Ela aumenta a preocupação, mas o salário é o mesmo. Isso pode ser explicado por não haver diferença significativa de capacitação para execução das diferentes tarefas.

Além de não se sentirem valorizados pelo gestor, sentem-se distantes uns dos outros e por isso a insatisfação de executar um trabalho interdependente, em que cada um precisa estar necessariamente coordenado com o outro. Sem a devida cooperação, o clima do trabalho ainda é mais difícil. *Não há coleguismo, não há união. Precisaria de mais ajuda.* Vemos que união é uma palavra muito evocada por eles em relação ao trabalho no refeitório, porém, pelo que foi observado na UAN e nas entrevistas, é devido a sua importância teórica, pois na prática ela não existe. Ainda assim há espaço para demonstrações de apoio em momentos difíceis, como em casos de doença, acidentes ou problemas familiares e emocionais. O que significa dizer que entre eles há um julgamento, um sentido comum de valor e cumplicidade. Nesta percepção, sentem-se sujeitos e capazes de continuar a construir representações entre seus pares e estas atuam como sustentáculos desse mundo do trabalho.

Segundo Vygotsky (apud REGO, 1999), as funções psíquicas especificamente humanas se originam nas relações entre o indivíduo e o seu contexto sociocultural. A cultura é parte constitutiva da natureza humana ocorrendo a internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com as informações dadas. Neste estudo, ficou evidenciada a condição de uma cultura de trabalho *exploradora*, em alguns momentos *indigno*, quando o indivíduo se vê desligado das condições mais básicas de compreensão do seu meio. Ainda assim fala de *responsabilidade* e *empenho*, de certo modo reconhecidos como valor próprio da sua vida e por um momento, sente-se *indispensável*.

Voltamos então a Druck (1995), quando evidenciou em seu estudo a desintegração da força de trabalho, a dispersão dos trabalhadores, e uma espécie de enfraquecimento de suas identidades sociais. Tratou de mostrar a precarização do trabalho Um quadro bastante parecido com o encontrado neste estudo.

Saúde

Concepções gerais sobre saúde conferem o mesmo campo semântico com a “boa alimentação”. Ao relacionar ao trabalho, eles consideram que faz mal para a saúde comer um alimento estragado e andar descalço. Para ter uma boa saúde é tanta coisa que por mais que se faça o necessário sempre vai ter algum problema. Nesse sentido, as atividades relacionadas à higiene e segurança são consideradas relevantes para o emprego, pois são tarefas vigiadas.

Estas noções aplicadas ao trabalho significam a incorporação do discurso ético da técnica sanitária, como uma norma a ser obedecida. Distante dali, as suas condições reais de sobrevivência tem outras noções. Em geral, são moradores de bairros sem saneamento básico e sem a limpeza com cloro nos alimentos de suas famílias. E ninguém parece adoecer por isto. No imaginário desses servidores, o discurso normativo faz parte do controle de suas atividades ou ainda de seu corpo no trabalho.

O sentimento dos funcionários sobre como a sua saúde é tratada por parte da empresa se reflete em uma inconformidade. Usam a folga deles pra realizar os exames periódicos que os obrigam a fazer.

O discurso da norma, da exigência para a manutenção do emprego, se impõe. Trata-se de uma área de trabalho na qual a falta de higiene cotidiana significa o desemprego do indivíduo. E a casualidade, a negligência ocasional ou possíveis erros oriundos do cansaço e da desatenção, gerando uma toxinfecção alimentar, podem ocasionar a perda do contrato e demissão de todos. Assim, tudo parece ocorrer como se interdições, supressões, fronteiras e limites tenham sido dispostos de modo a dominar, em alguma medida o poder deste discurso (FOUCAULT, 2003).

Desta forma, os funcionários se apropriam do discurso como algo de valor que deve ser respeitado e obedecido, não porque é imposto e exigido, mas, de outra maneira, porque é importante, é belo, é legal, é necessário. A higiene aparece então como parte do núcleo central das representações encontradas, não mais porque proporciona saúde e sim porque proporciona o trabalho, o emprego, a renda, o sustento.

Alimentação saudável

Em termos gerais, observou-se e constatou-se nas entrevistas a importância da lavagem e aplicação de cloro nos alimentos. Falam sobre o cuidado com a toxina; controle da higiene. Dizem: “limpeza é tudo”. Receberam orientação para lavar todos os alimentos e entendem que se o feijão não for lavado, após seu cozimento “ainda assim continuará sujo, embora mate as bactérias”. No entanto quando um alimento cai no chão surge a dúvida: lavar, clorar e utilizar ou jogar fora? Ainda é confuso o conceito de sujo. O chão sendo limpo com certa frequência indica que não suja o alimento, por isto a dúvida entre estes termos conceituais, entre a cultura e o discurso técnico científico. Saudável e limpo se confundem e não há separação.

No cotidiano do trabalho, “a comida não é ruim, devido à quantidade que é produzida”. O comportamento alimentar diferenciado entre o peão e o chefe está centrado na quantidade de saladas. O conceito de saudável aparece mais neste momento. *A chefia come saudável, porque come mais salada, frango ou carne grelhados, arroz. O peão escolhe comer comidas mais “pesadas”, gordurosas e em maior quantidade.*

Segundo Garcia (2003), o objeto – práticas alimentares – não é captado em sua manifestação concreta e precisa, como seria desejável. Sendo assim, aqui também ocorre um processo de reestruturação pelo senso comum. O jargão “frutas, verduras, carne branca, pouca gordura, pouco sal” tem origem no discurso da norma científica, porém não se relaciona com a mesma ciência que orienta o equilíbrio, o cálculo da dieta com seus vários componentes, respeitando-se os aspectos socioculturais da alimentação local ou regional. Observa-se que a frequência da evocação de frutas e verduras é bastante alto. Ocorre então que os funcionários demonstram ter aprendido o jargão, não o praticam e entendem que a comida da chefia é saudável por aproximar-se deste discurso idealizado, porém de difícil observação na prática cotidiana.

Conclusão

A afirmativa central deste estudo refere-se ao trabalho no refeitório como uma ação que promove saúde através da alimentação saudável.

Dessa perspectiva, conclui-se que as idéias predominantes sobre estes termos não evidenciam uma correspondência clara sobre a efetividade da saúde pelo trabalho específico nesta unidade de alimentação e nutrição.

O trabalho no refeitório é concebido de modo a circunscrever a relação entre higiene e responsabilidade do dever. Ressalta-se, pois, a obediência às normas da higiene sanitária e segurança do trabalho, seus aspectos legais e normativos, intimamente ligados à manutenção do emprego. Assim, respeita-se e perpetua-se a condição contratual entre as empresas envolvidas e, por conseqüência, evita-se a demissão do trabalhador. Conforme testemunhos de campo, *sem trabalho não somos nada*. Higiene e responsabilidade no trabalho também, contribuem para a diminuição da ocorrência de acidentes de trabalho.

Sobre a saúde, embora todos os funcionários a considerem fundamental para o ser humano, ao mesmo tempo é o aspecto que faz com que os informantes se sintam inferiores e menos dignos, pois não percebem em si e nem no processo de trabalho as condições necessárias para o cuidado com a saúde, seja a sua própria ou a do outro, o comensal. No senso comum, *ninguém está nem aí*.

Sobre alimentação saudável, ressaltam-se aspectos sobre as condições de higiene dos alimentos, além da possibilidade de transmissão de doenças, e deixar a composição nutricional dos alimentos (de maneira superficial). Não foi observada relação entre conhecimentos técnico-científicos e alimentação saudável, comprovando a complexidade do tema alimentação e saúde para estes funcionários que não se sentem agentes de saúde, mas meros trabalhadores de cozinha e refeitório.

No entanto, quase todos se consideram satisfeitos com sua função na equipe e por trabalharem em refeitório. O problema encontrado é situacional sendo representado por queixas e sofrimentos no trabalho. A questão que se coloca é a forma como este é conduzido. Não há valorização, nem diálogo, nem escuta. Em geral, sentem-se alijados do processo de gestão, tratados como “coisas”. Dejours (2003) se refere a este tema em vários estudos e mostra a ansiedade dos trabalhadores em seus postos de trabalho, alienados da compreensão do sistema como um todo.

No caso específico, o que marca fortemente a relação com o trabalho é o sentimento de desvalorização percebido pelos trabalhadores em relação ao seu esforço, extraído ao máximo pelo modo de gestão.

Sobre isto, lembro que, de modo geral, até os altos executivos se encontram muitas vezes insatisfeitos com suas condições de trabalho (CAPRA, 2002). O ser humano não é eficientemente projetado para um modo capitalista de produção (HOBSBAWM, 2000). Haverá, pois, sempre sofrimento e indignação nos processos de exploração da força de trabalho.

Para a promoção da saúde é fundamental convencer as instituições da necessidade de mudanças no processo de trabalho. Desde o pagamento de melhores salários, qualificação profissional e valorização do recurso humano (ação motivacional), até as questões mais técnicas, como preparo de alimentos, mudança de cardápio e observações de aspectos gastronômicos. Nesta perspectiva, a necessidade e a satisfação no mundo do trabalho nesta UAN seriam representações desses trabalhadores se não fosse o sofrimento aqui enunciado. Esta condição vela quaisquer possíveis correspondências das representações sociais sobre o trabalho e a saúde. Representações estas, secundárias às condições de trabalho.

Notas

¹ A Constituição brasileira, no capítulo da Seguridade Social, seção Saúde, estabelece a saúde como direito de todos e dever do Estado. Dessa atribuição, o Estado cria o Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990, que estabelece a necessidade de ações voltadas para a promoção da saúde do trabalhador e determina que sejam realizadas ações positivas de alimentação e nutrição, considerando-os como importantes fatores condicionantes da saúde. Em 1976 foi criado o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), com o objetivo de “melhorar as condições nutricionais dos trabalhadores, com repercussões positivas para a qualidade de vida, a redução de acidentes de trabalho e o aumento da produtividade” em atendimento às idéias da época, de que o trabalhador deveria estar alimentado para aumentar a força produtiva e fortalecer o acúmulo de capital, contribuindo assim com o desenvolvimento do país (BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego 2006).

² O PAT oferece modalidades de vinculação às empresas. São elas: fornecimento de vale-alimentação, de vale-refeição ou de cesta básica, além de fornecimento direto da refeição pronta preparada por um Serviço de Alimentação e Nutrição (SAN). Quando a opção é o serviço de alimentação, a lei estabelece o nutricionista como o responsável técnico pelo processo de produção e distribuição das refeições, assim como pelo desenvolvimento de ações educativas que visem à promoção da alimentação saudável, e, por conseqüência, da saúde dos trabalhadores.

³ Segundo Proença (1996), a UAN tem como objetivo “o fornecimento de uma refeição equilibrada nutricionalmente [...]. Esta adequação deve ocorrer tanto no sentido da manutenção e/ou recuperação da saúde do comensal, como visando a auxiliar no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis, à educação alimentar”. A partir desse conceito, eminentemente teórico e pouco visto na prática, é proposta uma relação direta entre a produção responsável de alimentos e o impacto na saúde resultante do consumo destes alimentos.

⁴ Durkheim (1978, p. 79) é o primeiro autor a trabalhar o termo “representações sociais”, que para ele são também “representações coletivas”. Refere-se às categorias de pensamento ligadas aos fatos sociais e, a partir destes, pode-se elaborar e expressar a realidade de uma dada sociedade. São coletivas porque “traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos”.

⁵ Para Marcel Mauss “Há, nas consciências, representações sociais que são diferentes das individuais. Sem dúvida, sociedades são feitas de indivíduos e, conseqüentemente, as representações sociais são devidas à maneira pela qual consciências individuais podem agir e reagir umas sobre as outras, no seio de um grupo constituído. Mas essas ações e reações dão origem a fenômenos psíquicos de um tipo novo que são capazes de evoluir por si próprio, de se modificarem mutuamente e cujo conjunto forma um sistema definido. Não somente as representações sociais são diferentes das individuais, mas ainda têm na verdade um outro objeto. O que elas exprimem, com efeito, é o próprio estado da sociedade” (MAUSS apud OLIVEIRA, 1984, p. 11).

⁶ Moscovici (1981 apud SÁ, 1998, p. 31) em que comenta o conceito de representações sociais. “Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”.

Referências

ANADÓN, M.; MACHADO, P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Salvador : UNEB, 2003.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRASIL. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução n. 380, de 28 de dezembro de 2005. **Diário Oficial [da] da República Federativa da União**, Brasília, 10 jan. 2006.

_____. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos Serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial [da] da República Federativa da União**, Brasília, 20 set. 1990a.

_____. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância Sanitária. Portaria n. 1428, de 26 de novembro de 1993. Dispõem sobre Regulamento Técnico para Inspeção Sanitária de Alimentos - sobre as Diretrizes para o Estabelecimento de Boas Práticas de Produção e de Prestação de Serviços na Área de Alimentos - sobre o Regulamento Técnico para o Estabelecimento de Padrão de Identidade e Qualidade (PIQ's) para Serviços e Produtos na Área de Alimentos. **Diário Oficial [da] da República Federativa da União**, Brasília, n. 229, 2 dez. 1993.

_____. Ministério do Trabalho. **Programa de alimentação do trabalhador**. Brasília, 1990b. Doc. Técnico.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria Interministerial nº. 66, de 25 de agosto de 2006. Altera os parâmetros nutricionais do Programa de Alimentação do Trabalhador - PAT. **Diário Oficial [da] da República Federativa da União**, Brasília, 28 ago. 2006. p. 153.

BOSI, M. L. M. **Profissionalização e conhecimento: a nutrição em questão**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Trabalho e subjetividade: cargas e sofrimento na prática da nutrição social. **Revista de Nutrição**, v. 13, n. 2, mai./ago., 2000.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

- COSTA, M. C. **Práticas alimentares, sobrepeso e perfil lipídico dos trabalhadores de uma indústria petroquímica, Camaçari - Bahia**. 2000. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- DEJOURS, C. **O fator humano**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- DRUCK, M. G. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica: um estudo do Complexo Petroquímico**. Salvador: EDUFBA: Boitempo, 1995.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).
- FREITAS, M.C.S. **Agonia da fome**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.
- GARCIA, R.W.D. Representações sobre consumo alimentar e suas implicações em inquéritos alimentares: estudo qualitativo em sujeitos submetidos à prescrição dietética. **Revista de Nutrição**, v. 17, n. 1, p. 15-28, 2003.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GERMANO, M. I. S. **Treinamento de manipuladores de alimentos: fator de segurança alimentar e promoção da saúde**. São Paulo: livraria Varela, 2003.
- HOBBSAWM, E. J. **Os trabalhadores: um estudo sobre a história do operariado**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador : EDUFBA, 2000.
- MACHADO, M. H. Macro-Micro: os novos desafios da sociologia e os efeitos no campo da saúde. In: MINAYO, M. C.; ASSIS, S. G. de; SOUZA, E. R. de. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos de abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MINAYO, M. C. **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MOSCOVICI, S. On social representation. In: FORGAS, J. P. (Orgs). **Social cognition**. London: Academic, 1981.
- OLIVEIRA, R. [Org.] **MAUSS**. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 11).
- POULIN, J. P. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: UFSC, 2004.
- PROENÇA, R. P. C. **Aspectos organizacionais e inovação tecnológica em processos de transferência de tecnologia: uma abordagem antropotecnológica no setor de alimentação coletiva**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RUSSEL, B. **Research methods in antropology: qualitative and quantitative approaches**. London: Sage Publications International Educational and Professional, 1995.

SÁ, C. P. A. **Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

_____. **Núcleo central das representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, jul./set. 1993.

VELOSO, I. S. **Impacto do programa de alimentação do trabalhador sobre o estado nutricional de trabalhadores da indústria**. 2000. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Programa de alimentação do trabalhador e os efeitos sobre a saúde**. 2005. Tese (Doutorado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VIANA, S. V. **Indústria moderna e padrão alimentar: o espaço do trabalho, do consumo e da saúde**. 2002. Tese (Doutorado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **O nutricionista no pólo petroquímico de Camaçari - Bahia: uma perspectiva relacional da prática**. 1994. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador.